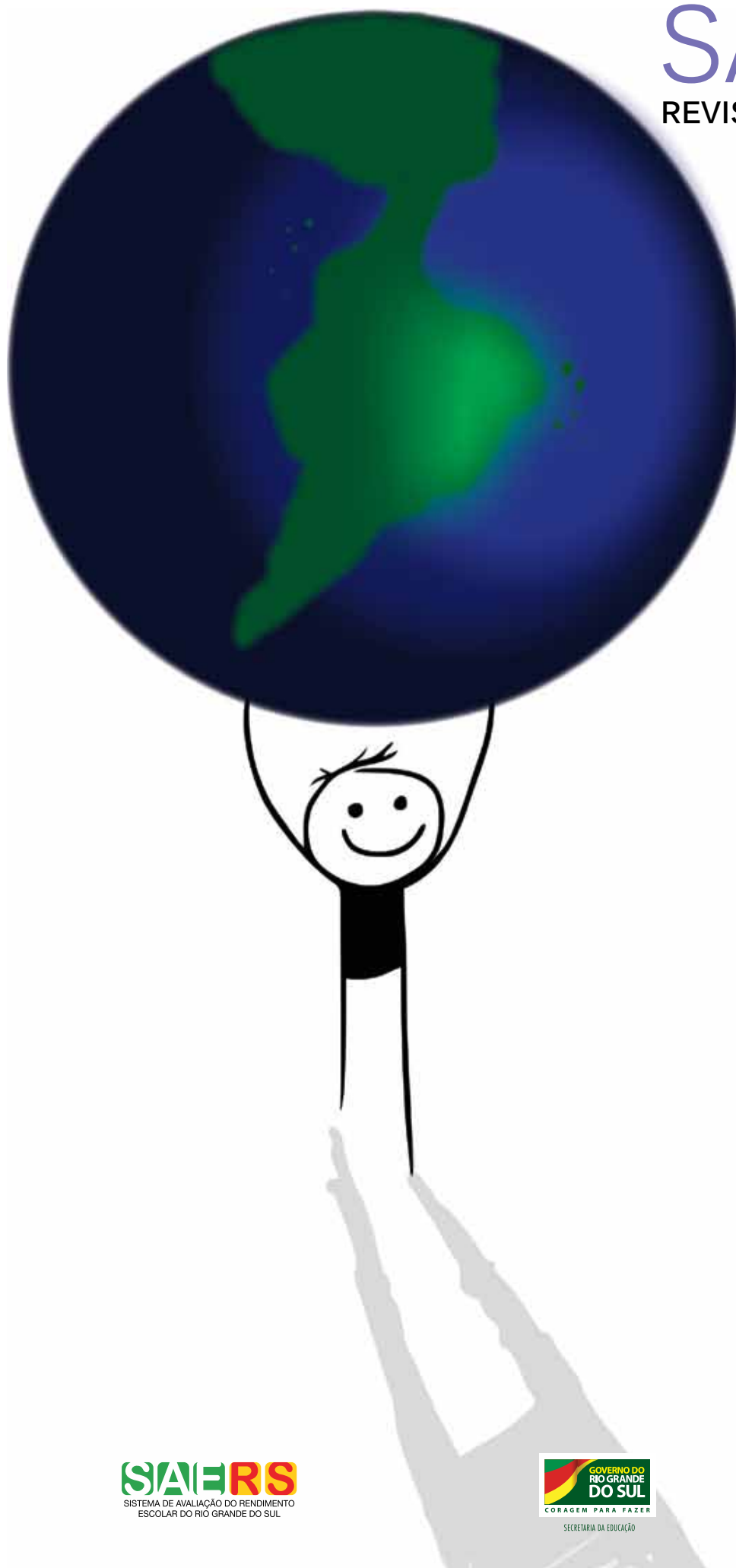


# SAERS 2011

REVISTA DO GESTOR  
Rede Municipal





# SAERS

REVISTA DO GESTOR  
Redes Municipais

# 2011

SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO RENDIMENTO  
ESCOLAR DO RIO GRANDE DO SUL





**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**



**Márcia Adriana de Carvalho**  
Presidente UNDIME/RS  
Secretária Municipal de Educação de São Francisco do Sul



**Osvino Toiller**  
Presidente SINEPE/RS

**EQUIPE DE COORDENAÇÃO SAERS/2011**

**Denise Cardoso**  
Secretária Municipal de Santiago/RS

**Liége Lana Brusius**  
Secretária Municipal de Igrejinha/RS

**Milton Léo Gehrke**  
Diretor Administrativo – SINEPE/RS  
Coordenador Administrativo – SINEPE/RS

**Sônia Elizabeth Bier**  
Assessora Técnica UNDIME/RS

**AP010**

**Carla Camila Mendes Moreira**  
Secretária Executiva UNDIME/RS

7

## OS RESULTADOS DO SAERS

8 Como melhorar os resultados educacionais?

11

## RESULTADOS GERAIS

44 Equidade e desempenho

48 Com a palavra, o diretor

47

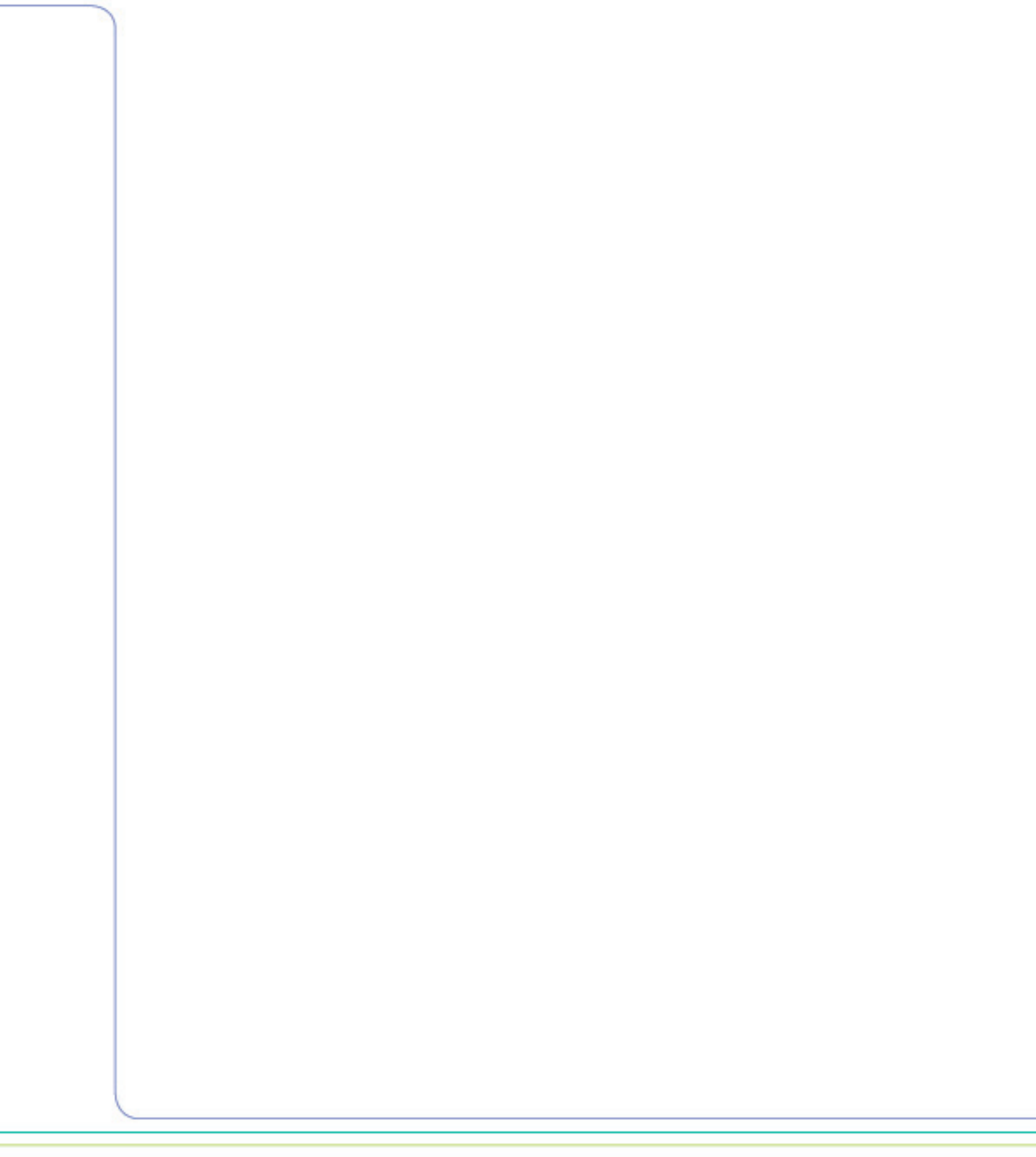
## PERCENTUAL DE ESTUDANTES POR NÍVEL DE PROFICIÊNCIA E PADRÃO DE DESEMPENHO

50 Por uma educação menos desigual

53 Com a palavra, o gestor

55

## O TRABALHO CONTINUA







## OS RESULTADOS DO SAERS SUBSÍDIOS PARA UMA GESTÃO EFICAZ

A gestão democrática das escolas é uma grande conquista da sociedade brasileira. Para a sua consolidação, cresce a necessidade de descentralização das instâncias gestoras, de autonomia das unidades escolares e de participação efetiva da comunidade junto às decisões relevantes para a vida escolar. O gestor, como agente impulsionador de mudanças e figura chave para estruturação de uma escola verdadeiramente democrática, ganha importante destaque na busca por uma educação de qualidade, capaz de promover equidade educacional e diminuir as desigualdades sociais. Portanto, em seu processo de tomada de decisões, é fundamental que tenha à disposição informações precisas acerca da realidade educacional das escolas sob sua responsabilidade. Com esses dados, é possível identificar quais escolas necessitam de atenção especial e quais estão conseguindo alcançar maiores progressos.

Diante desse quadro, ao realizar o diagnóstico da educação do Rio Grande do Sul, o SAERS se configura como um esforço significativo do poder público no sentido de contribuir para a promoção de uma educação de qualidade oferecida a todos os estudantes. Deve ser tratado como um valioso instrumento de reflexão e ação, capaz de

gerar contribuições eficazes para o aperfeiçoamento contínuo de nosso sistema de educação básica.

Esta Revista do Gestor tem por finalidade servir, para todas as instâncias gestoras, como ferramenta para decisões importantes. É preciso tornar as escolas espaços efetivos de transformação social, que façam a diferença na vida dos estudantes. Para isso, é preciso, em especial, que os gestores analisem o diagnóstico que têm em mãos e estruturem suas ações a partir daí.

São apresentados, nesta revista, os resultados gerais de participação e proficiência do SAERS em sua edição de 2011, agregados por município e escola para as etapas de escolaridade e áreas do conhecimento avaliadas (os resultados por escola estão disponíveis no CD anexo a esta revista).

Você encontra, ainda, importantes discussões sobre aspectos de grande relevância, como possíveis caminhos para a melhoria dos resultados, fatores de desigualdade e equidade educacionais. Além disso, apresentamos o depoimento de gestores que, como você, fazem a diferença para as comunidades onde atuam.

## COMO MELHORAR OS RESULTADOS EDUCACIONAIS?

**O sucesso de uma política não resulta apenas do *insight* ou da experiência de quem a formula. Depende de um diagnóstico seguro e dos avanços em relação aos objetivos.**

A crescente pressão social pela melhoria da qualidade da educação tem impulsionado estados e municípios a buscarem mecanismos para aprofundar o conhecimento de suas redes de ensino e avaliar suas políticas educacionais. Tal tendência se intensificou a partir da década de 1990, quando o Ministério da Educação/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (MEC/Inep) implantou o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), o que ampliou a fidedignidade dos dados sobre as escolas e salas de aula. Entretanto, o SAEB não é suficiente para um diagnóstico detalhado. Para conhecer sua realidade a fundo, estados e municípios necessitam de mecanismos de avaliação mais precisos e minuciosos, que forneçam informações sobre um universo maior de estudantes e com uma frequência maior do que o SAEB. Nesse sentido, a maioria dos estados – e inúmeros municípios – mantém seus próprios sistemas. Em 2011, 16 estados realizaram avaliação de desempenho de seus estudantes. As informações geradas são um valioso instrumento para subsidiar e planejar as políticas educacionais, aprofundando o retrato produzido pelo SAEB.

### **Informação: a base das boas políticas**

O sucesso de uma política não resulta apenas do *insight* ou da experiência de quem a formula. Depende, por outro lado, de um diagnóstico seguro, da avaliação das medidas adotadas e do acompanhamento dos avanços em relação aos objetivos. Em educação, espera-se que as políticas atendam à demanda por vagas e

asseguem as condições para que todos concluam a formação com sucesso, no tempo previsto, na idade correta e com elevado nível de aprendizado e desenvolvimento pessoal.

O impacto dessas políticas deve ser assegurado pela realização de avaliações sistêmicas, como determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

Os bons resultados não surgem imediatamente e as decisões de cada escola, município ou estado condicionam o futuro. No pior cenário, as novas gerações aprendem menos que as antecedentes, comprometendo o porvir: o fracasso nos anos iniciais tende a se propagar nos subsequentes.

O acúmulo de fracassos no Ensino Fundamental é um dos fatores que explica a dificuldade do Brasil para melhorar o Ensino Médio, reduzir o abandono e a reprovação, e qualificar o desempenho dos jovens. Em contrapartida, no melhor cenário, quando a aprendizagem avança e se consolida, as políticas priorizam o início do Fundamental, sem abandonar os demais níveis. Afinal, como atestam as avaliações internacionais, nenhum sistema educacional se credencia para trabalhar com as séries mais avançadas se não assegurar a plena alfabetização de todas as crianças ao final do primeiro ciclo do Ensino Fundamental.

No Brasil, estados e municípios, que baseiam seus diagnósticos e políticas em avaliações de larga escala há mais tempo têm experimentado a melhoria

dos resultados, principalmente nos anos iniciais, e formado estudantes mais bem preparados.

### **Qualidade para todos**

Em nosso país, as desigualdades socioeconômicas são as principais responsáveis pelas diferenças no desempenho. Por isso, o desafio da qualidade e da universalização da educação básica é tão complexo.

A relativa homogeneidade de antes se desfez com a ampliação do acesso, o que trouxe à escola estudantes de diversos estratos sociais, com interesses, necessidades e expectativas variadas. Assim, qualidade e equidade tornam-se indissociáveis na equação educacional.

A equidade introduz um critério adicional de avaliação das políticas: é fundamental que as crianças e jovens que mais precisam da escola melhorem seu desempenho. Políticas educacionais universais servem para promover mudanças gerais no sistema, mas não são, necessariamente, eficazes para reduzir diferenças reveladas pelas avaliações.

A melhoria das condições de ensino, da gestão, da infraestrutura e da qualificação dos docentes são indispensáveis para o bom funcionamento das escolas, beneficiando toda a rede de ensino. Existem, ainda, condições específicas que demandam políticas focadas, tais como: escolas nas periferias, em áreas de vulnerabilidade social ou na zona rural, dentre outras.

### **Para além dos sistemas de avaliação**

A efetividade das políticas depende também da articulação dos resultados de desempenho com informações dos fatores intra e extraescolares fornecidas pelo SAERS e dados mais gerais, como o Censo Escolar, pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dentre outros.

O exame conjunto dessas informações pode revelar problemas: nem sempre o melhor desempenho dos estudantes, aferido pela avaliação externa, significa maior taxa de aprovação; os dados disponíveis revelam, em todo o Brasil, casos de regiões onde a taxa de aprovação é baixa e o desempenho é mais alto e vice-versa. Essa aparente contradição sugere uma falta de sintonia entre os resultados expressos nos padrões de desempenho estudantil e os padrões de excelência adotados pelas escolas. Aponta para a necessidade de se questionar a avaliação realizada pelos professores que, ora se mostra mais complacente do que deveria e ora mais rigorosa, tornando-se como critério de comparação o desempenho dos estudantes.

Outras medidas são necessárias, como a definição de metas e de pessoas responsáveis pelo cumprimento delas; o estabelecimento de incentivos para que todos estejam envolvidos e, conseqüentemente, tenham um nível de desempenho apropriado; e o auxílio às escolas no seu esforço de oferecer o nível de educação esperado.

Essas medidas devem ser associadas a uma cadeia de responsabilização, que prescinde do envolvimento de todos.

**A melhoria das condições de ensino, da gestão da infraestrutura e da qualificação dos docentes são indispensáveis para o bom funcionamento das escolas.**





## RESULTADOS GERAIS

Com os resultados gerados pelo SAERS, as instâncias gestoras mais elevadas podem planejar a execução de políticas públicas, criar metas de qualidade e equidade educacionais, promover mecanismos de formação continuada e implementar medidas de responsabilização. Por sua vez, os gestores das unidades escolares podem, e devem, com base nesses resultados, elaborar a sua avaliação institucional e o projeto da escola, bem como monitorar a qualidade do ensino ofertado.

Nesta seção, você encontra o mapa do Rio Grande do Sul dividido por municípios participantes. Para cada um deles, são apresentados os resultados de proficiência, o padrão de desempenho alcançado, o número efetivo de estudantes avaliados e o percentual de participação.



## LÍNGUA PORTUGUESA - 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

TUCUNDUVA	
Proficiência Média	157,8
Alunos Efetivos	16
% de Participação	80,0%
Variação (2011-2010)	-3,3%
Padrão de Desempenho	Básico

HORIZONTINA	
Proficiência Média	173,4
Alunos Efetivos	146
% de Participação	93,0%
Variação (2011-2010)	1,8%
Padrão de Desempenho	Adequado

NOVA CANDELARIA	
Proficiência Média	181,9
Alunos Efetivos	11
% de Participação	100,0%
Variação (2011-2010)	11,3%
Padrão de Desempenho	Adequado



TRES DE MAIO	
Proficiência Média	166,7
Alunos Efetivos	80
% de Participação	94,1%
Variação (2011-2010)	2,0%
Padrão de Desempenho	Básico

SAO JOSE DO INHACORA	
Proficiência Média	190,6
Alunos Efetivos	7
% de Participação	100,0%
Variação (2011-2010)	7,8%
Padrão de Desempenho	Adequado

BOA VISTA DO BURICA	
Proficiência Média	169,6
Alunos Efetivos	43
% de Participação	100,0%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico

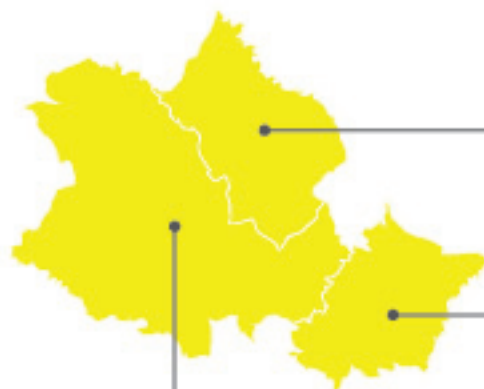


## LÍNGUA PORTUGUESA - 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

INDEPENDENCIA	
Proficiência Média	165,9
Alunos Efetivos	52
% de Participação	81,3%
Variação (2011-2010)	1,5%
Padrão de Desempenho	Básico

ALEGRIA	
Proficiência Média	152,1
Alunos Efetivos	32
% de Participação	84,2%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico

CAPAO DO CIPÓ	
Proficiência Média	161,3
Alunos Efetivos	32
% de Participação	86,5%
Variação (2011-2010)	8,7%
Padrão de Desempenho	Básico



SANTIAGO	
Proficiência Média	165,4
Alunos Efetivos	244
% de Participação	90,0%
Variação (2011-2010)	1,2%
Padrão de Desempenho	Básico

FAXINAL DO SOTURNO	
Proficiência Média	145,5
Alunos Efetivos	36
% de Participação	76,6%
Variação (2011-2010)	3,6%
Padrão de Desempenho	Básico

JARI	
Proficiência Média	161,7
Alunos Efetivos	26
% de Participação	74,3%
Variação (2011-2010)	17,8%
Padrão de Desempenho	Básico





## LÍNGUA PORTUGUESA - 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

### ARROIO DO TIGRE

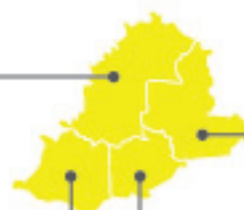
Proficiência Média	166,3
Alunos Efetivos	139
% de Participação	93,3%
Variação (2011-2010)	14,8%
Padrão de Desempenho	Básico

### FORTALEZA DOS VALOS

Proficiência Média	176,1
Alunos Efetivos	36
% de Participação	83,7%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Adequado

### ALTO ALEGRE

Proficiência Média	166,5
Alunos Efetivos	14
% de Participação	100,0%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico



### IBARAMA

Proficiência Média	139,8
Alunos Efetivos	70
% de Participação	97,2%
Variação (2011-2010)	-6,2%
Padrão de Desempenho	Básico

### SOBRADINHO

Proficiência Média	164,5
Alunos Efetivos	117
% de Participação	92,9%
Variação (2011-2010)	3,9%
Padrão de Desempenho	Básico

### SEGREDO

Proficiência Média	160,3
Alunos Efetivos	62
% de Participação	89,9%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico





## LÍNGUA PORTUGUESA - 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

TAPERA	
Proficiência Média	164,4
Alunos Efetivos	45
% de Participação	97,8%
Variação (2011-2010)	5,2%
Padrão de Desempenho	Básico

ARATIBA	
Proficiência Média	197,5
Alunos Efetivos	43
% de Participação	95,6%
Variação (2011-2010)	4,6%
Padrão de Desempenho	Adequado

CACIQUE DOBLE	
Proficiência Média	174,6
Alunos Efetivos	34
% de Participação	97,1%
Variação (2011-2010)	9,1%
Padrão de Desempenho	Adequado



COQUEIRO BAIXO	
Proficiência Média	141,5
Alunos Efetivos	16
% de Participação	94,1%
Variação (2011-2010)	-23,7%
Padrão de Desempenho	Básico

RELVADO	
Proficiência Média	168,0
Alunos Efetivos	12
% de Participação	92,3%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico

DOUTOR RICARDO	
Proficiência Média	153,1
Alunos Efetivos	10
% de Participação	47,6%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico



## LÍNGUA PORTUGUESA - 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

MARATA	
Proficiência Média	171,2
Alunos Efetivos	21
% de Participação	95,5%
Variação (2011-2010)	-3,1%
Padrão de Desempenho	Adequado

SAO JOSE DO SUL	
Proficiência Média	165,9
Alunos Efetivos	22
% de Participação	84,6%
Variação (2011-2010)	19,2%
Padrão de Desempenho	Básico

IGREJINHA	
Proficiência Média	178,3
Alunos Efetivos	321
% de Participação	95,0%
Variação (2011-2010)	8,1%
Padrão de Desempenho	Adequado



PORTAO	
Proficiência Média	159,2
Alunos Efetivos	374
% de Participação	92,3%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico

MOSTARDAS	
Proficiência Média	151,0
Alunos Efetivos	119
% de Participação	92,2%
Variação (2011-2010)	8,1%
Padrão de Desempenho	Básico

SANTO ANTONIO DA PATRULHA	
Proficiência Média	150,4
Alunos Efetivos	204
% de Participação	91,1%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico

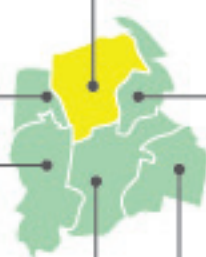


## LÍNGUA PORTUGUESA - 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

SAO VENDELINO	
Proficiência Média	172,8
Alunos Efetivos	8
% de Participação	100,0%
Variação (2011-2010)	-1,1%
Padrão de Desempenho	Adequado

ALTO FELIZ	
Proficiência Média	169,8
Alunos Efetivos	21
% de Participação	100,0%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico

VALE REAL	
Proficiência Média	200,5
Alunos Efetivos	27
% de Participação	87,1%
Variação (2011-2010)	24,3%
Padrão de Desempenho	Adequado



BOM PRINCIPIO	
Proficiência Média	178,7
Alunos Efetivos	44
% de Participação	95,7%
Variação (2011-2010)	15,2%
Padrão de Desempenho	Adequado

FELIZ	
Proficiência Média	185,6
Alunos Efetivos	50
% de Participação	100,0%
Variação (2011-2010)	12,5%
Padrão de Desempenho	Adequado

LINHA NOVA	
Proficiência Média	198,3
Alunos Efetivos	7
% de Participação	100,0%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Adequado



## LÍNGUA PORTUGUESA - 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

LA JEADO	
Proficiência Média	167,9
Alunos Efetivos	415
% de Participação	91,6%
Variação (2011-2010)	8,3%
Padrão de Desempenho	Básico

CORONEL PILAR	
Proficiência Média	211,6
Alunos Efetivos	11
% de Participação	100,0%
Variação (2011-2010)	14,2%
Padrão de Desempenho	Adequado

CAMPESTRE DA SERRA	
Proficiência Média	189,8
Alunos Efetivos	31
% de Participação	81,6%
Variação (2011-2010)	11,5%
Padrão de Desempenho	Adequado



BROCHIER	
Proficiência Média	159,0
Alunos Efetivos	36
% de Participação	97,3%
Variação (2011-2010)	1,2%
Padrão de Desempenho	Básico

CAXIAS DO SUL	
Proficiência Média	160,7
Alunos Efetivos	3.475
% de Participação	91,0%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico

BOM JESUS	
Proficiência Média	149,0
Alunos Efetivos	56
% de Participação	75,7%
Variação (2011-2010)	0,2%
Padrão de Desempenho	Básico



## LÍNGUA PORTUGUESA - 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

TUCUNDUVA	
Proficiência Média	215,9
% de Participação	100,0%
Alunos Efetivos	27
Variação (2011-2010)	2,1%
Padrão de Desempenho	Básico

HORIZONTINA	
Proficiência Média	231,1
% de Participação	91,2%
Alunos Efetivos	155
Variação (2011-2010)	2,8%
Padrão de Desempenho	Adequado

NOVA CANELÁRIA	
Proficiência Média	228,2
% de Participação	96,2%
Alunos Efetivos	25
Variação (2011-2010)	2,7%
Padrão de Desempenho	Adequado



TRÊS DE MAIO	
Proficiência Média	208,1
% de Participação	89,0%
Alunos Efetivos	73
Variação (2011-2010)	-2,8%
Padrão de Desempenho	Básico

SÃO JOSÉ DO INHAMITANGA	
Proficiência Média	255,4
% de Participação	100,0%
Alunos Efetivos	9
Variação (2011-2010)	11,2%
Padrão de Desempenho	Adequado

BOA VISTA DO BURICÁ	
Proficiência Média	228,9
% de Participação	94,1%
Alunos Efetivos	64
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Adequado





## LÍNGUA PORTUGUESA - 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

### INDEPENDENCIA

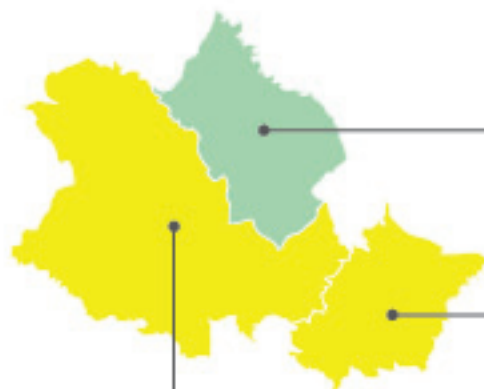
Proficiência Média	216,1
% de Participação	96,2%
Alunos Efetivos	51
Variação (2011-2010)	4,9%
Padrão de Desempenho	Básico

### ALEGRIA

Proficiência Média	202,5
% de Participação	95,8%
Alunos Efetivos	23
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico

### CAPA DO CIPÓ

Proficiência Média	228,3
% de Participação	74,2%
Alunos Efetivos	23
Variação (2011-2010)	24,4%
Padrão de Desempenho	Adequado



### SANTIAGO

Proficiência Média	216,3
% de Participação	84,4%
Alunos Efetivos	244
Variação (2011-2010)	1,2%
Padrão de Desempenho	Básico

### FAXINAL DO SOTURNO\*

Proficiência Média	—
% de Participação	—
Alunos Efetivos	—
Variação (2011-2010)	—
Padrão de Desempenho	—

\* esse município não apresenta resultado nessa etapa.

### JARI

Proficiência Média	210,9
% de Participação	96,7%
Alunos Efetivos	29
Variação (2011-2010)	9,4%
Padrão de Desempenho	Básico



## LÍNGUA PORTUGUESA - 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

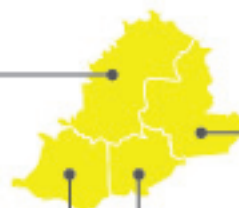
ARROIO DO TIGRE	
Proficiência Média	207,3
% de Participação	91,0%
Alunos Efetivos	101
Variação (2011-2010)	13,2%
Padrão de Desempenho	Básico

FORTALEZA DOS VALOS*	
Proficiência Média	—
% de Participação	—
Alunos Efetivos	—
Variação (2011-2010)	—
Padrão de Desempenho	—

\* esse município não apresenta resultado nessa etapa.

ALTO ALEGRE*	
Proficiência Média	—
% de Participação	—
Alunos Efetivos	—
Variação (2011-2010)	—
Padrão de Desempenho	—

\* esse município não apresenta resultado nessa etapa.



IBARAMA	
Proficiência Média	208,5
% de Participação	74,1%
Alunos Efetivos	40
Variação (2011-2010)	1,3%
Padrão de Desempenho	Básico

SOBRADINHO	
Proficiência Média	215,4
% de Participação	81,8%
Alunos Efetivos	112
Variação (2011-2010)	1,5%
Padrão de Desempenho	Básico

SEGREDO	
Proficiência Média	211,6
% de Participação	96,2%
Alunos Efetivos	51
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico



## LÍNGUA PORTUGUESA - 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

### TAPERA

Proficiência Média	217,3
% de Participação	87,5%
Alunos Efetivos	49
Variação (2011-2010)	6,2%
Padrão de Desempenho	Básico

### ARATIBA

Proficiência Média	244,5
% de Participação	97,1%
Alunos Efetivos	33
Variação (2011-2010)	6,0%
Padrão de Desempenho	Adequado

### CACIQUE DOBLE

Proficiência Média	201,9
% de Participação	100,0%
Alunos Efetivos	30
Variação (2011-2010)	-11,4%
Padrão de Desempenho	Básico



### COQUEIRO BAIXO\*

Proficiência Média	—
% de Participação	—
Alunos Efetivos	—
Variação (2011-2010)	—
Padrão de Desempenho	—

\* esse município não apresenta resultado nessa etapa.

### RELVADO\*

Proficiência Média	—
% de Participação	—
Alunos Efetivos	—
Variação (2011-2010)	—
Padrão de Desempenho	—

\* esse município não apresenta resultado nessa etapa.

### DOUTOR RICARDO

Proficiência Média	228,0
% de Participação	100,0%
Alunos Efetivos	6
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Adequado





## LÍNGUA PORTUGUESA - 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

MARATÁ	
Proficiência Média	201,1
% de Participação	80,4%
Alunos Efetivos	37
Variação (2011-2010)	-7,2%
Padrão de Desempenho	Básico

SAO JOSE DO SUL	
Proficiência Média	202,1
% de Participação	100,0%
Alunos Efetivos	15
Variação (2011-2010)	-4,9%
Padrão de Desempenho	Básico

IGREJINHA	
Proficiência Média	236,9
% de Participação	91,5%
Alunos Efetivos	367
Variação (2011-2010)	1,7%
Padrão de Desempenho	Adequado



PORTÃO*	
Proficiência Média	—
% de Participação	—
Alunos Efetivos	—
Variação (2011-2010)	—
Padrão de Desempenho	—

\* esse município não apresenta resultado nessa etapa.

MOSTARDAS	
Proficiência Média	222,7
% de Participação	88,6%
Alunos Efetivos	164
Variação (2011-2010)	6,6%
Padrão de Desempenho	Adequado

SANTO ANTONIO DA PATRULHA*	
Proficiência Média	—
% de Participação	—
Alunos Efetivos	—
Variação (2011-2010)	—
Padrão de Desempenho	—

\* esse município não apresenta resultado nessa etapa.



## LÍNGUA PORTUGUESA - 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

### SAO VENDELINO

Proficiência Média	234,9
% de Participação	100,0%
Alunos Efetivos	12
Variação (2011-2010)	10,2%
Padrão de Desempenho	Adequado

### ALTO FELIZ

Proficiência Média	227,9
% de Participação	100,0%
Alunos Efetivos	15
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Adequado

### VALE REAL

Proficiência Média	239,8
% de Participação	88,5%
Alunos Efetivos	23
Variação (2011-2010)	17,9%
Padrão de Desempenho	Adequado



### BOM PRINCIPIO

Proficiência Média	236,5
% de Participação	97,7%
Alunos Efetivos	43
Variação (2011-2010)	3,4%
Padrão de Desempenho	Adequado

### FELIZ

Proficiência Média	233,4
% de Participação	91,1%
Alunos Efetivos	51
Variação (2011-2010)	10,5%
Padrão de Desempenho	Adequado

### LINHA NOVA\*

Proficiência Média	—
% de Participação	—
Alunos Efetivos	—
Variação (2011-2010)	—
Padrão de Desempenho	—

\* esse município não apresenta resultado nessa etapa.



## LÍNGUA PORTUGUESA - 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

LAJEADO	
Proficiência Média	223,2
% de Participação	89,5%
Alunos Efetivos	528
Variação (2011-2010)	3,1%
Padrão de Desempenho	Adequado

CORONEL PILLAR*	
Proficiência Média	—
% de Participação	—
Alunos Efetivos	—
Variação (2011-2010)	—
Padrão de Desempenho	—

\* esse município não apresenta resultado nessa etapa.

CAMPESTRE DA SERRA	
Proficiência Média	229,8
% de Participação	80,6%
Alunos Efetivos	25
Variação (2011-2010)	2,0%
Padrão de Desempenho	Adequado

BROCHIER	
Proficiência Média	215,1
% de Participação	92,1%
Alunos Efetivos	35
Variação (2011-2010)	-3,4%
Padrão de Desempenho	Básico

CAXIAS DO SUL	
Proficiência Média	224,7
% de Participação	86,1%
Alunos Efetivos	3.396
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Adequado

BOM JESUS	
Proficiência Média	214,5
% de Participação	72,4%
Alunos Efetivos	63
Variação (2011-2010)	2,3%
Padrão de Desempenho	Básico



## MATEMÁTICA - 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

### TUCUNDUVA

Proficiência Média	777,8
Alunos Efetivos	16
% de Participação	80,0%
Variação (2011-2010)	-0,4%
Padrão de Desempenho	Básico

### HORIZONTINA

Proficiência Média	793,7
Alunos Efetivos	146
% de Participação	93,0%
Variação (2011-2010)	0,0%
Padrão de Desempenho	Básico

### NOVA CANDELARIA

Proficiência Média	814,9
Alunos Efetivos	11
% de Participação	100,0%
Variação (2011-2010)	4,2%
Padrão de Desempenho	Adequado



### TRES DE MAIO

Proficiência Média	781,6
Alunos Efetivos	80
% de Participação	94,1%
Variação (2011-2010)	1,8%
Padrão de Desempenho	Básico

### SAO JOSE DO INHACORA

Proficiência Média	824,4
Alunos Efetivos	7
% de Participação	100,0%
Variação (2011-2010)	4,8%
Padrão de Desempenho	Adequado

### BOA VISTA DO BURICA

Proficiência Média	781,6
Alunos Efetivos	43
% de Participação	100,0%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico

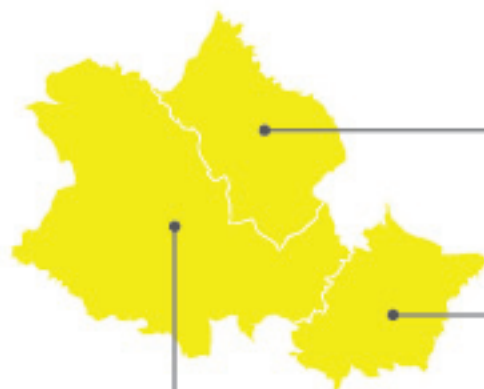


## MATEMÁTICA - 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

INDEPENDENCIA	
Proficiência Média	799,1
Alunos Efetivos	52
% de Participação	81,3%
Variação (2011-2010)	1,7%
Padrão de Desempenho	Básico

ALEGRIA	
Proficiência Média	777,7
Alunos Efetivos	32
% de Participação	84,2%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico

CAPAO DO CIPÓ	
Proficiência Média	767,9
Alunos Efetivos	32
% de Participação	86,5%
Variação (2011-2010)	0,4%
Padrão de Desempenho	Básico



SANTIAGO	
Proficiência Média	782,3
Alunos Efetivos	244
% de Participação	90,0%
Variação (2011-2010)	0,3%
Padrão de Desempenho	Básico

FAXINAL DO SOTURNO	
Proficiência Média	752,5
Alunos Efetivos	36
% de Participação	76,6%
Variação (2011-2010)	-1,0%
Padrão de Desempenho	Básico

JARI	
Proficiência Média	794,7
Alunos Efetivos	26
% de Participação	74,3%
Variação (2011-2010)	4,5%
Padrão de Desempenho	Básico





## MATEMÁTICA - 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

### ARROIO DO TIGRE

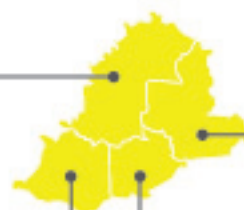
Proficiência Média	789,7
Alunos Efetivos	139
% de Participação	93,3%
Variação (2011-2010)	2,9%
Padrão de Desempenho	Básico

### FORTALEZA DOS VALOS

Proficiência Média	804,6
Alunos Efetivos	36
% de Participação	83,7%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Adequado

### ALTOALEGRE

Proficiência Média	793,4
Alunos Efetivos	14
% de Participação	100,0%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico



### IBARAMA

Proficiência Média	740,8
Alunos Efetivos	70
% de Participação	97,2%
Variação (2011-2010)	-2,6%
Padrão de Desempenho	Básico

### SOBRADINHO

Proficiência Média	778,0
Alunos Efetivos	117
% de Participação	92,9%
Variação (2011-2010)	2,4%
Padrão de Desempenho	Básico

### SEGREDO

Proficiência Média	778,4
Alunos Efetivos	62
% de Participação	89,9%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico



## MATEMÁTICA - 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

TAPERA	
Proficiência Média	775,2
Alunos Efetivos	45
% de Participação	97,8%
Variação (2011-2010)	1,3%
Padrão de Desempenho	Básico

ARATIBA	
Proficiência Média	809,4
Alunos Efetivos	43
% de Participação	95,6%
Variação (2011-2010)	-0,1%
Padrão de Desempenho	Adequado

CACIQUE DOBLE	
Proficiência Média	800,5
Alunos Efetivos	34
% de Participação	97,1%
Variação (2011-2010)	4,4%
Padrão de Desempenho	Adequado



COQUEIRO BAIXO	
Proficiência Média	755,1
Alunos Efetivos	16
% de Participação	94,1%
Variação (2011-2010)	-4,7%
Padrão de Desempenho	Básico

RELVADO	
Proficiência Média	791,6
Alunos Efetivos	12
% de Participação	92,3%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico

DOUTOR RICARDO	
Proficiência Média	766,0
Alunos Efetivos	10
% de Participação	47,6%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico



## MATEMÁTICA - 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

MARATA	
Proficiência Média	807,1
Alunos Efetivos	21
% de Participação	95,5%
Variação (2011-2010)	2,4%
Padrão de Desempenho	Adequado

SAO JOSE DO SUL	
Proficiência Média	764,4
Alunos Efetivos	22
% de Participação	84,6%
Variação (2011-2010)	-3,4%
Padrão de Desempenho	Básico

IGREJINHA	
Proficiência Média	796,1
Alunos Efetivos	321
% de Participação	95,0%
Variação (2011-2010)	1,8%
Padrão de Desempenho	Básico



PORTAO	
Proficiência Média	768,9
Alunos Efetivos	375
% de Participação	92,6%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico

MOSTARDAS	
Proficiência Média	765,0
Alunos Efetivos	119
% de Participação	92,2%
Variação (2011-2010)	1,1%
Padrão de Desempenho	Básico

SANTO ANTONIO DA PATRULHA	
Proficiência Média	762,7
Alunos Efetivos	204
% de Participação	91,1%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico





## MATEMÁTICA - 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

SAO VENDELINO	
Proficiência Média	797,5
Alunos Efetivos	8
% de Participação	100,0%
Variação (2011-2010)	1,0%
Padrão de Desempenho	Básico

ALTO FELIZ	
Proficiência Média	781,7
Alunos Efetivos	21
% de Participação	100,0%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico

VALE REAL	
Proficiência Média	818,3
Alunos Efetivos	27
% de Participação	87,1%
Variação (2011-2010)	3,0%
Padrão de Desempenho	Adequado



BOM PRINCIPIO	
Proficiência Média	795,8
Alunos Efetivos	44
% de Participação	95,7%
Variação (2011-2010)	2,1%
Padrão de Desempenho	Básico

FELIZ	
Proficiência Média	793,0
Alunos Efetivos	50
% de Participação	100,0%
Variação (2011-2010)	0,6%
Padrão de Desempenho	Básico

LINHA NOVA	
Proficiência Média	844,4
Alunos Efetivos	7
% de Participação	100,0%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Adequado



## MATEMÁTICA - 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

LA JEADO	
Proficiência Média	780,0
Alunos Efetivos	415
% de Participação	91,6%
Variação (2011-2010)	0,2%
Padrão de Desempenho	Básico

CORONEL PILAR	
Proficiência Média	823,5
Alunos Efetivos	11
% de Participação	100,0%
Variação (2011-2010)	2,0%
Padrão de Desempenho	Adequado

CAMPESTRE DA SERRA	
Proficiência Média	809,9
Alunos Efetivos	31
% de Participação	81,6%
Variação (2011-2010)	3,8%
Padrão de Desempenho	Adequado



BROCHIER	
Proficiência Média	773,4
Alunos Efetivos	36
% de Participação	97,3%
Variação (2011-2010)	-1,4%
Padrão de Desempenho	Básico

CAXIAS DO SUL	
Proficiência Média	768,8
Alunos Efetivos	3.477
% de Participação	91,0%
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico

BOM JESUS	
Proficiência Média	748,4
Alunos Efetivos	56
% de Participação	75,7%
Variação (2011-2010)	-0,2%
Padrão de Desempenho	Básico



## MATEMÁTICA - 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

TUCUNDUVA	
Proficiência Média	231,1
% de Participação	100,0%
Alunos Efetivos	27
Variação [2011-2010]	2,2%
Padrão de Desempenho	Básico

HORIZONTINA	
Proficiência Média	234,9
% de Participação	91,2%
Alunos Efetivos	155
Variação [2011-2010]	-0,1%
Padrão de Desempenho	Básico

NOVA CANDELARIA	
Proficiência Média	243,5
% de Participação	96,2%
Alunos Efetivos	25
Variação [2011-2010]	-3,6%
Padrão de Desempenho	Básico



TRES DE MAIO	
Proficiência Média	223,3
% de Participação	89,0%
Alunos Efetivos	73
Variação [2011-2010]	-1,3%
Padrão de Desempenho	Básico

SAO JOSE DO INHACORA	
Proficiência Média	257,2
% de Participação	100,0%
Alunos Efetivos	9
Variação [2011-2010]	1,3%
Padrão de Desempenho	Adequado

BOA VISTA DO BURICA	
Proficiência Média	247,3
% de Participação	94,1%
Alunos Efetivos	64
Variação [2011-2010]	-
Padrão de Desempenho	Adequado



## MATEMÁTICA - 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

### INDEPENDENCIA

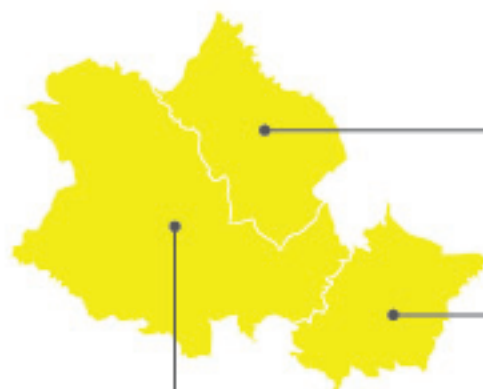
Proficiência Média	216,0
% de Participação	96,2%
Alunos Efetivos	51
Variação (2011-2010)	2,7%
Padrão de Desempenho	Básico

### ALEGRIA

Proficiência Média	215,6
% de Participação	95,8%
Alunos Efetivos	23
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico

### CAPA DO CIPO

Proficiência Média	235,6
% de Participação	74,2%
Alunos Efetivos	23
Variação (2011-2010)	20,1%
Padrão de Desempenho	Básico



### SANTIAGO

Proficiência Média	222,1
% de Participação	84,4%
Alunos Efetivos	244
Variação (2011-2010)	-1,0%
Padrão de Desempenho	Básico

### FAXINAL DO SOTURNO\*

Proficiência Média	—
% de Participação	—
Alunos Efetivos	—
Variação (2011-2010)	—
Padrão de Desempenho	—

\* esse município não apresenta resultado nessa etapa.

### JARI

Proficiência Média	234,0
% de Participação	96,7%
Alunos Efetivos	29
Variação (2011-2010)	11,2%
Padrão de Desempenho	Básico

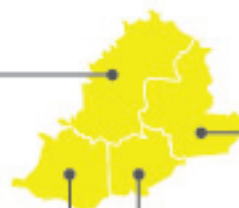


## MATEMÁTICA - 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

ARROIO DO TIGRE	
Proficiência Média	214,1
% de Participação	91,0%
Alunos Efetivos	101
Variação (2011-2010)	10,3%
Padrão de Desempenho	Básico

FORTALEZA DOS VALOS*	
Proficiência Média	—
% de Participação	—
Alunos Efetivos	—
Variação (2011-2010)	—
Padrão de Desempenho	—
* esse município não apresenta resultado nessa etapa.	

ALTO ALEGRE*	
Proficiência Média	—
% de Participação	—
Alunos Efetivos	—
Variação (2011-2010)	—
Padrão de Desempenho	—
* esse município não apresenta resultado nessa etapa.	



IBARAMA	
Proficiência Média	202,0
% de Participação	74,1%
Alunos Efetivos	40
Variação (2011-2010)	-4,7%
Padrão de Desempenho	Básico

SOBRADINHO	
Proficiência Média	231,3
% de Participação	81,8%
Alunos Efetivos	112
Variação (2011-2010)	3,7%
Padrão de Desempenho	Básico

SEGREDO	
Proficiência Média	216,9
% de Participação	96,2%
Alunos Efetivos	51
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico





## MATEMÁTICA - 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

### TAPERA

Proficiência Média	221,9
% de Participação	87,5%
Alunos Efetivos	49
Variação (2011-2010)	6,5%
Padrão de Desempenho	Básico

### ARATIBA

Proficiência Média	255,0
% de Participação	97,1%
Alunos Efetivos	33
Variação (2011-2010)	-1,4%
Padrão de Desempenho	Adequado

### CACIQUE DOBLE

Proficiência Média	197,6
% de Participação	100,0%
Alunos Efetivos	30
Variação (2011-2010)	-17,7%
Padrão de Desempenho	Básico



### COQUEIRO BAIXO\*

Proficiência Média	—
% de Participação	—
Alunos Efetivos	—
Variação (2011-2010)	—
Padrão de Desempenho	—

\* esse município não apresenta resultado nessa etapa.

### RELVADO\*

Proficiência Média	—
% de Participação	—
Alunos Efetivos	—
Variação (2011-2010)	—
Padrão de Desempenho	—

\* esse município não apresenta resultado nessa etapa.

### DOUTOR RICARDO

Proficiência Média	230,5
% de Participação	100,0%
Alunos Efetivos	6
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico



## MATEMÁTICA - 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

MARATÁ	
Proficiência Média	228,2
% de Participação	80,4%
Alunos Efetivos	37
Variação (2011-2010)	-5,7%
Padrão de Desempenho	Básico

SAO JOSE DO SUL	
Proficiência Média	216,8
% de Participação	100,0%
Alunos Efetivos	15
Variação (2011-2010)	-6,0%
Padrão de Desempenho	Básico

IGREJINHA	
Proficiência Média	246,1
% de Participação	91,5%
Alunos Efetivos	367
Variação (2011-2010)	0,6%
Padrão de Desempenho	Adequado



PORTÃO*	
Proficiência Média	—
% de Participação	—
Alunos Efetivos	—
Variação (2011-2010)	—
Padrão de Desempenho	—

\* esse município não apresenta resultado nessa etapa.

MOSTARDAS	
Proficiência Média	229,1
% de Participação	88,6%
Alunos Efetivos	164
Variação (2011-2010)	5,0%
Padrão de Desempenho	Básico

SANTO ANTONIO DA PATRULHA*	
Proficiência Média	—
% de Participação	—
Alunos Efetivos	—
Variação (2011-2010)	—
Padrão de Desempenho	—

\* esse município não apresenta resultado nessa etapa.



## MATEMÁTICA - 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

SAO VENDELINO	
Proficiência Média	244,5
% de Participação	100,0%
Alunos Efetivos	12
Variação (2011-2010)	8,8%
Padrão de Desempenho	Básico

ALTO FELIZ	
Proficiência Média	237,3
% de Participação	100,0%
Alunos Efetivos	15
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico

VALE REAL	
Proficiência Média	261,0
% de Participação	88,5%
Alunos Efetivos	23
Variação (2011-2010)	11,5%
Padrão de Desempenho	Adequado



BOM PRINCIPIO	
Proficiência Média	257,2
% de Participação	95,5%
Alunos Efetivos	42
Variação (2011-2010)	4,4%
Padrão de Desempenho	Adequado

FELIZ	
Proficiência Média	245,8
% de Participação	91,1%
Alunos Efetivos	51
Variação (2011-2010)	5,2%
Padrão de Desempenho	Adequado

LINHA NOVA*	
Proficiência Média	—
% de Participação	—
Alunos Efetivos	—
Variação (2011-2010)	—
Padrão de Desempenho	—

\* esse município não apresenta resultado nessa etapa.





## MATEMÁTICA - 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

LAJEADO	
Proficiência Média	236,7
% de Participação	89,5%
Alunos Efetivos	528
Variação (2011-2010)	0,8%
Padrão de Desempenho	Básico

CORONEL PILLAR*	
Proficiência Média	—
% de Participação	—
Alunos Efetivos	—
Variação (2011-2010)	—
Padrão de Desempenho	—

\* esse município não apresenta resultado nessa etapa.

CAMPESTRE DA SERRA	
Proficiência Média	251,8
% de Participação	80,6%
Alunos Efetivos	25
Variação (2011-2010)	6,6%
Padrão de Desempenho	Adequado

BROCHIER	
Proficiência Média	230,5
% de Participação	92,1%
Alunos Efetivos	35
Variação (2011-2010)	-3,5%
Padrão de Desempenho	Básico

CAXIAS DO SUL	
Proficiência Média	232,8
% de Participação	86,1%
Alunos Efetivos	3.396
Variação (2011-2010)	-
Padrão de Desempenho	Básico

BOM JESUS	
Proficiência Média	218,5
% de Participação	72,4%
Alunos Efetivos	63
Variação (2011-2010)	0,8%
Padrão de Desempenho	Básico

## EQUIDADE E DESEMPENHO

### um debate necessário

Os resultados das avaliações em larga escala no Brasil revelam grande variação do desempenho dos estudantes em todas as etapas e disciplinas. Essa desigualdade não é um fenômeno brasileiro; está presente, em maior ou menor grau, nos países que realizam esse tipo de avaliação.

Como se sabe, são muitos os fatores que impactam na desigualdade educacional, desde aqueles de ordem individual (traços de personalidade e condições socioeconômicas) até aqueles de natureza coletiva (tipo e qualidade das práticas pedagógicas, clima escolar, nível socioeconômico médio dos estudantes de uma escola etc.).

Num país como o nosso, em que as desigualdades caracterizam as relações sociais, produzindo forte impacto sobre o acesso ao direito à educação, torna-se relevante aprofundar a compreensão das desigualdades nos sistemas de ensino, tendo em vista a necessidade e a urgência de políticas públicas que possibilitem a todos o acesso a uma escola de qualidade. E não custa reforçar que as avaliações educacionais oferecem um material vasto para caracterizar e compreender essa questão.

Existem ferramentas estatísticas capazes de descrever e analisar dados e relações entre variáveis que, de outro modo, seriam difíceis de serem sintetizadas ou compreendidas. Uma das relações mais relevantes é a associação entre equidade e desempenho.

Há vários métodos para estudá-la. Um exemplo é o Coeficiente de Correlação Intraclasses (CCI), que possibilita uma compreensão abrangente da problemática.

#### O que é o CCI?

Para compreender o CCI, é necessário, antes de tudo, entender como ele é calculado. O ponto de partida é a variação dos resultados dos estudantes, que podem ser de dois tipos:

**Intraescolar:** a variação de desempenho entre os estudantes de uma mesma escola em relação à média obtida pela instituição onde estudam; e

**Extraescolar:** a variação das médias das escolas em relação a toda a população avaliada.

As variações de desempenho escolar, portanto, podem ser divididas em duas partes: a variação das médias das escolas, umas em comparação com as outras (variação extraescolar); e a variação das notas individuais dos estudantes dentro de uma mesma escola (variação intraescolar). Esses dois tipos de variação podem ser somados, resultando na variabilidade total de desempenho observada nos resultados das avaliações dos estudantes. O Coeficiente de Correlação Intraclasses (CCI) é a proporção da variação de desempenho que pode ser atribuída às escolas em relação à variação total (a intraescolar + a extraescolar). O CCI

Os dois gráficos abaixo ajudam a compreender melhor a CCI. A primeira delas retrata uma situação de máxima desigualdade e a segunda, o contrário, uma situação de máxima igualdade.

Gráfico 1 - Caso de perfeita desigualdade escolar (CCI = 1 ou 100%)

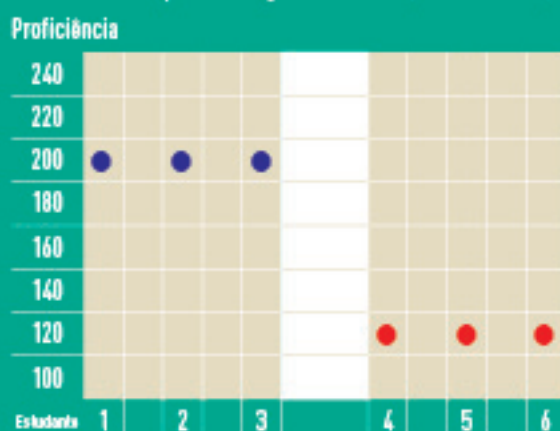
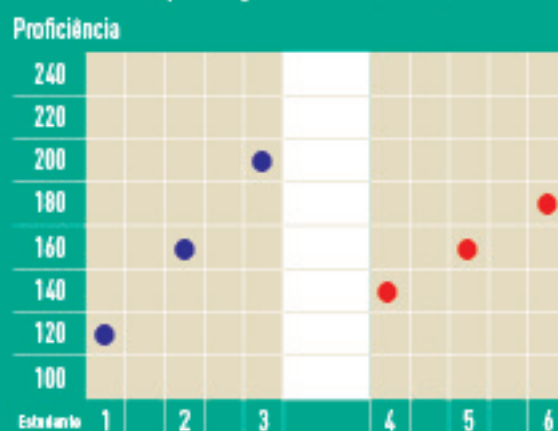


Gráfico 2 - Caso de perfeita igualdade escolar (CCI = 0)



Na prática, entretanto, os casos reais observados não pertencem a nenhum dos extremos retratados por esses dois gráficos, situando-se, antes, num meio termo entre elas. Assim, se tivermos, por exemplo, um CCI de 0,5 ou 50%, isso aponta um grau consideravelmente elevado de desigualdade no sistema, visto que a metade da variação observada nos resultados dos estudantes deve-se à diferença entre as médias de suas respectivas escolas. Por outro lado, se tivéssemos um CCI de 0,05 ou 5%, teríamos um sistema bem mais equânime, visto que as diferenças entre as médias das escolas respondem por somente 5% da variação total observada entre os resultados dos estudantes.

varia de 0 a 1 (ou de 0 a 100), sendo que, quanto mais próximo de 1 (ou de 100), maior é a desigualdade.

Consideremos, no gráfico 1, que a nossa população educacional se resume a seis estudantes, com os estudantes identificados pelos números de 1 a 3 pertencentes a uma determinada escola (azul) e os outros três estudantes, identificados pelos números de 4 a 6, pertencentes a uma segunda escola (vermelha). Nesse caso, podemos observar o seguinte:

1. Não existe variação intraescolar nesta situação, visto que as notas dos estudantes dentro de cada escola são iguais.

2. Por outro lado, existe variação extraescolar, porque as médias das escolas variam. A escola azul tem um desempenho médio superior ao da escola vermelha, visto que as médias dessas escolas correspondem, respectivamente, a 200 e a 120 pontos na escala de proficiência.

3. Nessa situação, o CCI vale 1 ou 100%, que é o resultado que obtemos quando, segundo a definição desse coeficiente, dividimos a variação extraescolar pela variação total (variação extra mais a intraescolar, que corresponde à primeira, visto que a segunda é zero).

4. Dizemos que essa situação é de máxima desigualdade porque o fato de um estudante pertencer a uma dada escola determina completamente o resultado que esse estudante terá na prova. Portanto, se ele estudasse numa escola "de elite" (que seria a azul, nesse caso), ele estaria completamente fadado ao sucesso (supondo que o sucesso aqui seria o fato dele atingir a nota 200 no referido exame); por outro lado, se ele estudasse numa escola "ruim" (a vermelha), ele estaria irremediavelmente "condenado" a tirar uma nota mais baixa (120) no exame.

No gráfico 2, mantendo-se as mesmas convenções do caso anterior, podemos também fazer quatro observações relevantes.



1. Existe agora uma variação intraescolar, visto que, dentro de cada escola, há estudantes obtendo notas diferentes, que podem ser maiores, iguais ou menores do que as médias de suas respectivas escolas.

2. Não existe variação extraescolar, porque as médias das escolas são iguais entre si. (A média, geometricamente, pode ser definida como o ponto mediano de uma distribuição simétrica de valores, como a que ocorre para ambas as escolas nesse exemplo). Dessa forma, para ambas as escolas, a média corresponde a 160 pontos, valor que também corresponde à grande média (ou seja, à média dos estudantes de todas as escolas, calculada conjuntamente).

3. Pela definição do CCI, percebe-se que ele agora vale zero, pois o seu numerador é a variação extraescolar, que, como vimos, é nula neste caso. Por outro lado, a variação total observada (que corresponde ao denominador da expressão do CCI), resume-se apenas à variação intraescolar, já que a outra parcela da soma, a variação extraescolar, é nula.

4. Nesse caso de desigualdade nula (ou de máxima igualdade), qualquer estudante pode, a princípio, tirar uma nota abaixo ou acima da grande média populacional, independentemente de pertencer a esta ou àquela escola. Em outras palavras, as escolas têm desempenhos médios iguais, e quaisquer diferenças observadas no desempenho individual dos estudantes deve-se a características próprias destes, e não às escolas que eles frequentam. Daí provém a máxima equanimidade do sistema.

#### A equidade no PISA

O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) é, provavelmente, o mais conhecido programa de avaliação educacional de âmbito internacional. O Brasil participa da avaliação desde 2003, embora não seja membro da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), responsável pelo exame.

Assim como outras avaliações de larga escala, é possível calcular o CCI para os países participantes da avaliação, analisando a relação entre equidade educacional e desempenho no PISA. A análise dos resultados de 2003, quando a avaliação se centrou em Matemática, é bastante rica para compreender essa associação. Naquele ano, o país com melhor desempenho foi a Finlândia, com 544 pontos. O Brasil obteve a pontuação mais baixa (356), com pequena diferença em relação à Indonésia e à Tunísia.

O cálculo do CCI para cada país revela que, em muitos casos, a média da escola tem um peso menor do que o desempenho individual. Como se verá adiante, é o caso da Finlândia, cujo desempenho no PISA é considerado exemplar.

Algumas conclusões importantes que se extraem da análise do CCI dos países do PISA 2003 são:

1. Considerando todos os países participantes, cerca de um terço (33%) das variações de resultados entre os estudantes resulta de diferenças entre as médias das escolas. O peso do desempenho individual é maior: 67% dessas variações (dois terços do total) se devem a resultados individuais dos estudantes em suas respectivas escolas.

2. Em alguns países, há uma grande variação dos resultados individuais dos estudantes; em outros, a variação é menor. Mas não existe uma relação direta entre desempenho e variabilidade, como ilustram Brasil e Indonésia: no primeiro, a variação dos resultados individuais dos estudantes é maior do que no segundo, mas a média de ambos é parecida. O Brasil obteve 356 pontos e a Indonésia, 360.

Variações para mais ou para menos dizem respeito somente à variabilidade dos resultados dos estudantes, e não à eficácia do ensino, a qual pode ser estimada, por exemplo, através das médias nacionais na prova.

Esse exemplo remete a uma conclusão importante para as políticas educacionais: a equidade, sozinha, não é um critério suficiente para informar sobre o

grau de avanço educacional de um país ou região. Um grande nível de equidade não é necessariamente positivo: pode ser algo ruim se o nivelamento se der "por baixo", ou seja, se estiver associado a baixo desempenho.

3. A análise do PISA 2003 também aponta para um fato que contradiz o senso comum: a ideia de que nos países com elevado padrão socioeconômico há mais igualdade educacional. Alemanha, Japão, Bélgica e Itália têm esse perfil, mas apresentam grandes variações entre as escolas (extraescolares).

Nos países de maior desigualdade, os CCI's giram em torno de 50% ou mais. Isso indica que pelo menos 50% da variação dos resultados dos estudantes se deve a variações entre as médias das escolas.

4. Nos países com elevada igualdade educacional – países nórdicos (Islândia, Finlândia, Noruega, Suécia e Dinamarca) e da Europa Ocidental (Reino Unido, Irlanda e Espanha), por exemplo –, as variações de desempenho entre os estudantes são decorrentes, quase que exclusivamente, de seu desempenho individual, e não de suas respectivas escolas. Isso porque, nesses países, as médias das escolas estão muito próximas umas das outras.

#### Equidade numa perspectiva nacional

A discussão sobre desempenho e equidade realizada a partir do PISA 2003 pode ser replicada no Brasil, utilizando os microdados de avaliações realizadas pelo Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (CAEd).

Tomando os desempenhos de seis estados – Acre, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, Pernambuco e Rio de Janeiro – em Matemática, no 9º ano do Ensino Fundamental, em 2010, tem-se como resultado análises relevantes para as políticas educacionais voltadas para a melhoria da qualidade e, simultaneamente, para a redução das desigualdades.

O cálculo dos CCI's para as redes estaduais analisadas mostra uma variação considerável quanto ao Coeficiente de Correlação Intraclass: o Acre apresenta o menor CCI

(7,9%) e Minas Gerais, o maior (16,5%), como se vê na tabela a seguir:

Os dados mostram que a rede estadual do Acre se caracteriza por uma grande homogeneidade. Mas, equidade, sozinha, como já se disse, não é necessariamente indicio de um ensino melhor. Para tanto, é preciso que melhores resultados também estejam associados à maior equidade. Caso contrário, o que se tem é um nivelamento por baixo.

Em contrapartida, Minas Gerais apresentou a maior heterogeneidade dos resultados escolares: nele, cerca de um sexto das diferenças de resultados observadas entre os estudantes se deve a diferenças entre as médias de suas escolas. Além disso, as análises apontam para uma associação positiva entre proficiência e desigualdade.

#### Implicações para políticas públicas

As informações obtidas nessa análise remetem a observações relevantes:

- As redes estaduais analisadas são sistemas aparentemente homogêneos, visto que as diferenças de desempenho individual dos estudantes estão mais fortemente associadas ao seu diferencial pessoal em relação à média de suas escolas. A distância da média das escolas em relação à média de grupo avaliado pesa menos.
- Os sistemas mais homogêneos também são, nesses casos específicos, os menos eficazes. Os menores valores de CCI estão associados às menores médias. Por isso, é preciso atentar para o "nivelamento por baixo", evitando que a igualdade se atrele à ineficiência.
- Há variações consideráveis de desempenho e de equidade entre os estados. Portanto, um desafio (para as pesquisas e para a gestão) é determinar formas de se alcançar a eficácia no ensino, conservando baixa a desigualdade. Esse objetivo deve ser, sem dúvida, uma das metas prioritárias das administrações educacionais de todos os estados da federação.

**Tabela 1: CCI em Matemática (9º ano EF) por rede estadual em 2010**

ESTADO	CCI
AC	7,9
CE	9,5
ES	13,6
MG	16,5
PE	10,5
RJ	14,0

Fonte: CAEd

**Tabela 2: Médias de Matemática (9º ano EF) por rede estadual em 2010**

ESTADO	CCI
MG	268,9
ES	247,2
CE	235,7
RJ	234,8
PE	229,9
AC	229,7

Fonte: CAEd



## COM A PALAVRA, O DIRETOR

## REALIDADES DISTINTAS, OBJETIVOS COMUNS

### Diretoras revelam suas visões e ações educacionais



**Isabel Cristina Dias**  
Diretora Escolar

O trabalho de Isabel Cristina Dias e Roselia Dorneles Bianchini compreende a relação estratégica necessária entre os diversos segmentos escolares e as instâncias educacionais superiores. Isabel e Roselia são diretoras há seis e três anos, respectivamente, no estado do Rio Grande do Sul. A primeira, pós-graduada em Psicopedagogia, relata que os maiores desafios da sua profissão nos dias atuais são "motivar o corpo docente na busca da qualidade de ensino e trabalhar com recursos financeiros e humanos insuficientes para atender a todas as demandas da escola". Para Roselia, o maior obstáculo é despertar o aluno para o objetivo de transformar a realidade através do conhecimento.

Isabel acredita que, apesar dos desafios, é possível melhorar a qualidade do ensino por meio da união entre a direção e a comunidade escolar. Roselia, por sua vez, considera que o seu trabalho pode servir de inspiração e auxiliar no crescimento pessoal e intelectual de outros indivíduos. Ela também assevera que a escola, no mundo contemporâneo, deve promover a aprendizagem com "práticas criativas e significativas".

As realidades escolares de cada gestora são bem diferentes entre si. A escola

de Isabel está localizada num bairro industrial e, por isso, os alunos são, em sua maioria, filhos dos trabalhadores das fábricas. Os pais, de acordo com ela, costumam ser participativos no ambiente escolar, composto por cerca de 600 alunos, 50 professores e sete funcionários. Já a escola administrada por Roselia situa-se num bairro pouco favorecido economicamente. A diretora declara, todavia, que a instituição é uma referência na região, pois conta com uma boa infraestrutura e, além disso, adota projetos que visam ao envolvimento da comunidade e à conscientização de valores éticos. A unidade abrange 418 alunos de diferentes realidades, 26 professores e nove funcionários.

#### Diagnóstico educacional

As avaliações externas, para as diretoras, têm função de diagnosticar a situação da escola em relação à aprendizagem dos alunos e, com isso, possibilitar a percepção das deficiências e definir estratégias para a melhoria da qualidade de ensino.

Na comunidade escolar de Isabel, o programa é percebido como um me-



canismo de avaliação do trabalho dos docentes, os quais entendem que os testes servem para aferir as dificuldades dos alunos e, assim, minimizá-las. Já os estudantes, segundo Isabel, ainda precisam ser incentivados a realizarem as avaliações com maior dedicação, pois, principalmente os mais velhos, se sentem desestimulados, uma vez que as provas não servem para compor a nota de aprovação. A diretora ressalta que, para ela, o sistema avaliativo é uma "ferramenta pedagógica de ampliação da qualidade de ensino".

Segundo Roselia, os resultados quantitativos das avaliações externas não são trabalhados com os pais na sua escola logo que eles conhecem o funcionamento do processo. Ela também percebe que os professores, a princípio, apresentaram muitos questionamentos, mas, após os resultados da primeira participação, passaram a utilizá-los para o planejamento das aulas. A educadora afirma que os alunos ainda não compreendem a importância do programa e ficam inseguros, pois não estão familiarizados com a metodologia. Roselia caracteriza, no entanto, a avaliação externa como "uma alterna-

tiva para verificar a aprendizagem dos alunos e também a proposta pedagógica oferecida pela escola".

Em ambas as instituições, há uma mobilização da comunidade escolar para a aplicação dos exames. Posteriormente, os resultados são analisados coletivamente pelas equipes pedagógicas, que organizam atividades e planejam novas ações.

A respeito das políticas de monitoramento, as duas educadoras verificam que sua efetivação é importante para a melhoria da educação, pois, de acordo com Isabel, o problema, muitas vezes, não é só educacional, mas também estrutural, de aspecto familiar, social e físico. "A avaliação externa, enquanto política de monitoramento, auxilia o progresso dos alunos principalmente pela análise qualitativa dos resultados a partir de todos os componentes curriculares, orientando, assim, os professores sobre a importância da leitura, compreensão, resolução de problemas e, ainda, oportunizando ações interdisciplinares", conclui Roselia.



**Roselia Dorneles Bianchini**  
Diretora Escolar



## PERCENTUAL DE ESTUDANTES POR NÍVEL DE PROFICIÊNCIA E PADRÃO DE DESEMPENHO

Os padrões de desempenho representam os diferentes graus de realização educacional. Por meio deles, é possível analisar os aspectos cognitivos que diferenciam o percentual de estudantes situados nos níveis mais altos de desempenho e aqueles que estão nos níveis mais baixos. A diferença entre esses extremos reflete a distância existente entre aqueles que têm grandes chances de sucesso escolar e, consequentemente, maiores possibilidades de acesso aos bens materiais, culturais e sociais; e aqueles para os quais o fracasso escolar e a exclusão social podem ser mera questão de tempo, caso não sejam implementadas ações e políticas com vistas à promoção da equidade.

Os padrões de desempenho indicam, portanto, o grau de cumprimento dos objetivos educacionais expressos nas propostas pedagógicas de ensino, bem como as metas de desempenho a serem alcançadas. Eles apresentam, pois, uma caracterização das habilidades e competências cognitivas desenvolvidas pelos estudantes em importantes pontos da escala de proficiência.

Nesta seção é apresentada a distribuição do percentual de estudantes por nível de proficiência e padrão de desempenho, a proficiência média do município, a participação na avaliação 2011 e a evolução do percentual de estudantes em cada padrão ao longo das edições do SAERS.



## PADRÕES DE DESEMPENHO ESTUDANTIL

Caracterização	Categoria	Área do conhecimento avaliada	
Os alunos que apresentam este padrão de desempenho revelam ter desenvolvido competências e habilidades muito aquém do que seria esperado para o período de escolarização em que se encontram. Por isso, esse grupo necessita de uma intervenção focada de modo a progredirem com sucesso em seu processo de escolarização.	Abaixo do Básico	Língua Portuguesa	
		Matemática	
Os alunos que apresentam este padrão de desempenho demonstram já terem começado um processo de sistematização e domínio das habilidades consideradas básicas e essenciais ao período de escolarização em que se encontram. Por isso, também para esse grupo, é importante o investimento de esforços para que possam desenvolver habilidades mais elaboradas.	Básico	Língua Portuguesa	
		Matemática	
Os alunos que apresentam este padrão de desempenho demonstram ter ampliado o leque de habilidades tanto no que diz respeito à quantidade quanto no que se refere à complexidade dessas habilidades, as quais exigem um maior refinamento dos processos cognitivos nelas envolvidos.	Adequado	Língua Portuguesa	
		Matemática	
Os alunos que apresentam este padrão de desempenho revelam ser capazes de realizar tarefas que exigem habilidades mais sofisticadas. Eles desenvolveram habilidades que superam aquelas esperadas para o período de escolaridade em que se encontram.	Avançado	Língua Portuguesa	
		Matemática	

A Revista Pedagógica apresenta, para cada etapa de escolaridade, o detalhamento das habilidades e competências específicas para as diferentes áreas do conhecimento avaliadas.



Etapa Avaliada		
	3º ano EF	6º ano EF
	Até 120	Até 165
	Até 725	Até 190
	120 a 170	165 a 220
	725 a 800	190 a 245
	170 a 225	220 a 290
	800 a 850	245 a 295
	Acima de 225	Acima de 290
	Acima de 850	Acima de 295
Intervalo da Escala de Proficiência		

## POR UMA EDUCAÇÃO MENOS DESIGUAL

Um dos desafios centrais a serem enfrentados pelo sistema educacional no Brasil nesta década (2011-2020) está descrito na Meta 8 do projeto do Plano Nacional de Educação (PNE), enviado pelo Executivo ao Congresso em 2010: elevar a escolaridade da população de 18 a 24 anos para o mínimo de 12 anos, inclusive no campo e entre os mais pobres. O documento também estabelece que o país deve superar as discrepâncias entre negros e não negros no que tange à desigualdade educacional. Por tratar de questões urgentes do ensino no país, refletir sobre o cenário atual, no qual essa meta se coloca, é extremamente importante.

O cumprimento dessa meta exige mais do que a redução das disparidades de oportunidades educacionais: requer uma atuação forte no campo das políticas públicas nos três níveis de governo, visando uma drástica correção do fluxo escolar no Ensino Fundamental. Concomitantemente, será necessário elevar a qualidade do ensino básico ofertado, promovendo um desenvolvimento paralelo entre séries e habilidades consolidadas, com o intuito de assegurar condições necessárias para o ingresso e permanência no Ensino Médio. Diversos estudos e pesquisas baseados nos resultados do Censo da Educação Básica e nas avaliações do Ministério da Educação/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) evidenciam, de um lado, mudanças consistentes e positivas nos indicadores do sistema escolar. De outro, contudo, identificam pontos de estrangulamento, relacionados às disparidades entre as regiões, entre campo e cidade e às diferenças de raça/cor. Apontamos, a se-

guir, diversos aspectos das mudanças que vêm sendo experimentadas e dos desafios que precisam ser enfrentados.

### Acesso à escola

Os dados apontam que, entre 1970 e 2000, o número de matrículas, no Brasil, aumentou 2,7 vezes. No Ensino Fundamental, mais que dobrou, incorporando quase a totalidade das crianças em idade escolar. A ampliação foi ainda mais expressiva no Ensino Médio, que passou de 1 milhão de matrículas para 7 milhões; e na educação infantil, que cresceu 13 vezes no período.

Desde 2000, a dinâmica demográfica vem afetando positivamente o desempenho global do sistema escolar: a redução da taxa de fecundidade das famílias brasileiras leva a uma diminuição do número absoluto de matrículas no primeiro segmento do Ensino Fundamental, tendência reiterada pelo Censo Escolar de 2011. Em 2004, eram 49,2 milhões, agora são 41,3 milhões em toda a educação básica.

### Distorção idade-série

A melhoria das condições de vida das famílias, associada à expansão do acesso à escola na idade adequada e à implantação de programas de correção do fluxo em muitos estados e municípios, resultaram na queda considerável da taxa de reprovação. Essa queda tem impacto direto na melhoria nas taxas de distorção idade-série. Apesar dos avanços, esse ainda é um grave problema que persiste. Em 2003, 31,2% dos estudantes do



Ensino Fundamental não cursavam a série condizente com a idade. No Ensino Médio, esse percentual era de 45,8%; em 2010, esses percentuais são menores, mas ainda elevados: 23,6% e 34,5%, respectivamente.

#### **Indicadores de rendimento do sistema escolar**

A melhoria nas taxas de rendimento (reprovação e abandono) acompanha os indicadores de resultados: queda no número de analfabetos, aumento da média de anos de estudo, diminuição nas desigualdades educacionais entre regiões, sexo e raça. De fato, a taxa de analfabetismo entre jovens e adultos (15 anos ou mais), era de quase 34% em 1970, passa para 20% em 1991 e chega a 10% em 2007, de acordo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Apesar da queda, os dados sobre analfabetismo revelam importantes desigualdades regionais e de cor/raça; o qual tende a ser maior nas regiões mais pobres (Norte e, principalmente, no Nordeste) e entre os pardos.

Em pouco mais de uma década (1998-2009), o número médio de anos de estudo subiu 1,3 ano – passou de 5,9 anos para 7,2. No entanto, no Nordeste, o tempo de permanência na escola é significativamente menor que nas demais regiões. O recorte por sexo indica que, apesar dos avanços na escolarização das mulheres, no Norte do Brasil ainda há diferenças expressivas entre homens e mulheres no que diz respeito ao acesso à escola. A comparação entre zona rural e urbana aponta a desvantagem da primeira (4,8 anos) em relação à segunda (8 anos).

#### **Infraestrutura**

O Censo Escolar aponta para a considerável melhoria média das condições de infraestrutura das escolas brasileiras desde meados da década de 1990. Contudo, não ocorreu de modo homogêneo nem equânime, pois o processo variou conforme a região. Além disso, as escolas que mais avançaram em termos de melhoria da infraestrutura são urbanas, e, dentro dessas, as estaduais. As escolas municipais urbanas e as rurais são as grandes excluídas desse processo.

Pesquisas têm mostrado que a expansão educacional experimentada pelo Brasil nos últimos anos levou a um aumento do nível formal de instrução da população e à redução da desigualdade entre os grupos de cor, regiões e estratos de renda. No entanto, a persistência das desigualdades – evidenciada nas informações apresentadas – assinala claramente a necessidade de se concentrar os esforços em políticas capazes de tornar mais equitativo o acesso e, em especial, a permanência na escola.

O que se tem constatado é que características individuais são cada vez menos determinantes nas transições entre as etapas dentro do sistema escolar. Com isso, a responsabilidade dos gestores e profissionais que atuam nos sistemas de ensino se amplia, uma vez que devem consolidar ações de redução das disparidades, vinculadas à permanência no sistema e à melhoria da qualidade do ensino. O PNE coloca o assunto em pauta e pode fornecer, para os próximos anos, os caminhos a serem seguidos na superação dessas desigualdades.



## COM A PALAVRA, O GESTOR

## COMPROMISSO COM A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO

### Para gestora, ensinar é desenvolver



**Denise Flório Cardoso**  
Gestora

O trabalho na área da educação é, para muitos, a alavanca para o crescimento de uma nação. Tal visão é compartilhada pela gestora regional Denise Flório Cardoso, que diz acreditar na possibilidade de alcançar o desenvolvimento através das relações e interações promovidas no campo educacional. Denise conta que seu interesse pelo ofício surgiu a partir desse objetivo e também por fazer parte das ciências humanas. A gestora cursou Pedagogia e, há 11 anos, atua numa instância regional do Rio Grande do Sul.

Segundo ela, o maior desafio da profissão é promover aprendizagens significativas, capazes de transformar positivamente a realidade de cada aluno. "Para que esse processo aconteça, é necessário que os professores tenham a consciência de que sua prática deve ser inovadora, criativa e articulada; que contemple as necessidades básicas de leitura, interpretação, raciocínio lógico e formação cidadã", defende.

A regional administrada por Denise possui 3.762 alunos, 304 professores e 199 funcionários, distribuídos em 31 escolas. A educadora relata que seus maiores obstáculos nesta regional são o baixo Ideb, os índices de reprovação e a ampliação da oferta de vagas na educação infantil.

#### Avaliação da educação


A gestora regional compreende que o programa avaliativo externo é um

"importante instrumento para todos os envolvidos, pois verifica se o direito de aprender está garantido para todos e sinaliza as intervenções necessárias". Denise narra que os dados obtidos com as avaliações passam a integrar as discussões pedagógicas de sua rede, orientando os planos de estudo e os de trabalho dos docentes. "É um movimento muito interessante de refletir, planejar e agir para melhorar a aprendizagem", completa.

Para garantir o êxito do sistema de avaliação, a educadora realiza uma mobilização com os gestores escolares, que, por sua vez, mobilizam os alunos e os pais. A divulgação dos resultados é efetuada pelo setor pedagógico da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC), diretamente com cada unidade escolar, contando com a participação de diretores, coordenadores pedagógicos e professores nas oficinas organizadas pela SMEC.

O estabelecimento da qualidade da educação e da equidade de oportunidades na instância regional de Denise é trabalhado a partir do pensamento de sempre assegurar o acesso, a permanência e o sucesso de cada estudante. Dessa forma, o conhecimento dos resultados obtidos por cada escola constitui os subsídios necessários para otimizar as condições da educação pública, por meio da análise de sua realidade e das intervenções de suporte, recursos e apoio às demandas educacionais.





A aprendizagem de todos no tempo e idade certos é um dever dos governos democráticos. A consolidação de uma escola de qualidade é uma exigência social, sendo crucial assegurar a implementação de ações que contribuam para a solução dos sérios problemas educacionais. É fundamental garantir que os resultados dos sistemas avaliativos sejam apropriados e subsidiem as políticas desenvolvidas pelas instâncias gestoras e as ações pedagógicas desenvolvidas pelas unidades escolares. Portanto, os resultados apresentados nesta revista devem ser socializados, estudados, analisados e debatidos à exaustão em suas múltiplas possibilidades de uso. Temos certeza que isso já está acontecendo no Rio Grande do Sul em todas as escolas municipais participantes.



**Reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora**  
**Henrique Duque de Miranda Chaves Filho**

**Coordenação Geral do CAEd**  
**Lina Kátia Mesquita Oliveira**

**Coordenação Técnica do Projeto**  
**Manuel Fernando Palácios da Cunha Melo**

**Coordenação da Unidade de Pesquisa**  
**Tufi Machado Soares**

**Coordenação de Análises e Publicações**  
**Wagner Silveira Rezende**

**Coordenação de Instrumentos de Avaliação**  
**Verônica Mendes Vieira**

**Coordenação de Medidas Educacionais**  
**Wellington Silva**

**Coordenação de Operações de Avaliação**  
**Rafael de Oliveira**

**Coordenação de Processamento de Documentos**  
**Benito Delage**

**Coordenação de Produção Visual**  
**Hamilton Ferreira**

**Responsável pelo Projeto Gráfico**  
**Edna Rezende S. de Alcântara**



#### Ficha Catalográfica

---

##### VOLUME 2

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria Municipal de Educação. SAERS – 2011 / Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, CAEd. v. 2 (jan/dez. 2011), Juiz de Fora, 2011 – Anual

BROOKE, Daniel Aguiar de Leighton; MELO, Manuel Fernando Palácios da Cunha e; OLIVEIRA, Lina Kátia Mesquita; PONTES, Luís Antônio Fajardo; REZENDE, Wagner Silveira.

ISSN 1983-0149

CDU 373.3+373.5:371.26(05)

---

